



**CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNVIC**



**REGINALDO MACHADO DA SILVA**

**MULHER DE JÓ: INSANA OU INJUSTIÇADA?**

**PINDAMONHANGABA**

**2020**



**REGINALDO MACHADO DA SILVA**

## **MULHER DE JÓ: INSANA OU INJUSTIÇADA?**

Artigo apresentado como parte dos requisitos para obtenção do Diploma de Bacharel em Teologia da Unifunvic - Fundação Universitária Vida Cristã.  
Orientador: Prof. Me. Wellington da Cunha Waldhelm.



Silva, Reginaldo Machado.

Mulher de Jó: Insana ou Injustiçada? / Reginaldo Machado da Silva / Pindamonhangaba-SP UniFUNVIC Centro Universitário FUNVIC, 2020.  
f.20.

Artigo Científico (Graduação em teologia) UniFUNVIC-SP.

Orientador: Me. Prof. Wellington da Cunha Waldhelm

1 Livro. 2 Análise. 3 Pós-exílio. 4 Luto.

I Mulher de Jó: Insana ou Injustiçada?. II Reginaldo Machado da Silva.



**REGINALDO MACHADO DA SILVA**

Artigo apresentado como parte dos requisitos para obtenção do Diploma de Bacharel em Teologia da Unifunvic - Fundação Universitária Vida Cristã.  
Orientador: Prof. Me. Wellington da Cunha Waldhelm.

Data: \_\_\_\_\_

Resultado: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Me. Ricardo Alexandre de Carvalho- UNIFUNVIC – Faculdade Pindamonhangaba

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Me. Alessandra Junqueira Vieira - UNIFUNVIC – Faculdade Pindamonhangaba

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Me. Roberto dos Reis - UNIFUNVIC - Faculdade Pindamonhangaba

Assinatura: \_\_\_\_\_

Este trabalho foi escrito na forma de artigo científico a ser submetida à revista de Ciências Humanas da UNIFUNVIC / Fundação Universitária Vida Cristã, cujas normas estão em anexo.

*Mulher de Jó: Insana ou injustiçada?*

*Job's Woman: Insane or wronged?*

Wellington da Cunha Waldhelm<sup>1</sup>,

Reginaldo Machado da Silva<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo intitulado “Mulher de Jó: Insana ou injustiçada?” trouxe como proposta entender essa mulher, que muitas vezes foi reputada como uma mulher abominável, alvo de muitas mensagens e estudos depreciativos. Procurou-se entender o motivo dela dizer: “Amaldiçoa o seu Deus e morre”. Diante da relevância de tais palavras, percebeu-se a importância pela lacuna científica e acadêmica em torno do assunto e buscou-se alavancar o pioneirismo de novas pesquisas. Para realização do trabalho, foram observados alguns aspectos importantes, tais como: a descrição do livro, a análise do texto em específico, o contexto da mulher no pós-exílio e as possíveis psicopatologias da mulher de Jó. Para o desenvolvimento da investigação, foi empregada a pesquisa exploratória e o delineamento bibliográfico. Nos resultados obtidos ficou clara a resposta para a pergunta em questão. A palavra em sua origem é má interpretada, o contexto em que foi colocada a personagem do livro ajuda a entender que não se trata simplesmente de uma fala solta, na verdade há um grito contra uma teologia vigente na época, a teologia da retribuição, o que a levou a ação de dizer a frase em tom de ironia. Na psicopatologia, percebeu-se que a mulher de Jó sofreu muitas perdas. A questão do luto e das crises como cuidadora potencializaram ainda mais o momento para verbalizar a frase que a marcou durante gerações, mas ficou evidente que a mulher de Jó na verdade não é uma insana ou mulher, mas, sim uma injustiçada.

**Palavras-chave:** Injustiça. Insanidade. Luto.

## ABSTRACT

The present article entitled “Job Woman: Insane or wronged?” it proposed to understand this woman who was often considered an abominable woman, the target of many derogatory messages and studies. We tried to understand the reason why Job's wife said “curse your God and die”. And its importance is perceived by the scientific and academic gap around the subject and we sought to leverage the pioneering spirit of new research. In order to carry out the work, some important aspects were observed, such as: the description of the book, the analysis of the text in specific, the context of the woman in post-exile and the possible psychopathologies of the woman of Job. Exploratory research and the bibliographic design. In the results obtained, the answer to the question in question was clear. The word in its original is misinterpreted, the context in which the character of the book was placed helps to understand that it is not simply a loose speech, in fact there is a cry against a theology in force at the time, the theology of retribution, the that led her to say the phrase in an ironic tone, in psychopathology it was noticed that Job's wife suffered many losses, the issue of grief and crises as a caregiver further enhanced the moment to verbalize the phrase that marked her during generations, but it became evident that Job's wife is not really an insane or unfaithful woman, but an injustice.

**Key-words:** Injustice. Insanity. Mourning.

---

<sup>1</sup> Professor Mestre, curso de Teologia, UNIFUNVIC / Faculdade de Pindamonhangaba, SP.

<sup>2</sup> Aluno do Curso de Teologia, UNIFUNVIC / Faculdade de Pindamonhangaba, Pindamonhangaba - SP

## 1. INTRODUÇÃO

O artigo intitulado a MULHER DE JÓ: Insana ou injustiçada? Tem como objetivo entender o real motivo para a verbalização da mulher de Jó no capítulo dois versículos 9 “Ainda conservas a tua integridade? Amaldiçoa a Deus e morre”

A necessidade de escrever esse artigo é a relevância que tal estudo se dá pelo hiato científico e acadêmico que existe em torno do assunto pesquisado, sendo que a escassez de produção científica pode ser alavancada pelo pioneirismo do mesmo e trazer novas pesquisas no meio acadêmico. É fundamental destacar o interesse pessoal do pesquisando no assunto. Por meio de suas experiências no círculo eclesial, ao ouvir pregações com teor depreciativos em relação à essa personagem. Outro fator que também se fez presente é a possibilidade de outra interpretação sobre o assunto que trará uma nova percepção desse texto sagrado.

Waldhelm (2015, p.12) alude “sem dúvida alguma, uma das mulheres mais detestadas de toda a Bíblia (senão a mais detestada) é a mulher de Jó, Agostinho a chamou de diaboli adjutrix (assistente do diabo). Crisóstomo: o melhor flagelo de Satanás, Calvino: organi Satani (órgão de Satanás)”.

Dentro do universo bíblico, essa mulher ocupa um lugar nada agradável. Juntamente com outras personagens, ocupa cadeira cativa na galeria dos grandes vilões. O livro de Jó é extenso e com algumas participações, a saber, os amigos de Jó que tiveram a oportunidade de conjecturar sobre os fatos e dialogar com o mesmo em confabulações amplas, tais conversações ficaram evidenciadas as intenções e interpretações de cada sujeito.

Entretanto, quando se observa a mulher de Jó, é visível que não lhe é atribuído o mesmo direito dialogal, o que fica para o leitor que não tem um conhecimento mais profundo das escrituras, é um universo fantasmagórico que essa mulher é uma louca, insana, uma mulher que anda em desarmonia com seu justo marido Jó e que lhe deseja a morte. Diante disso a questão relevante é se esse desenho moral que se tem dessa mulher, faz jus a quem ela foi?

## 2. MÉTODO

Para o desenvolvimento do trabalho, adotou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica. Quanto à abordagem, optou-se por uma análise teórica, ancorada nos seguintes procedimentos: Pesquisa Bibliográfica a partir da revisão de literatura sob a temática

abrangendo enciclopédias, coleções, livros, artigos, revistas e jornais on-line, retirados de sites como: SCIELO, enquanto a pesquisa documental valeu-se de informações colhidas de trabalhos públicos e privados.

O tipo de pesquisa realizada nesse trabalho científico foi a exploratória, pois a mesma está em conformidade com os objetivos propostos. De acordo com Gil (2002), essa pesquisa tem o objetivo de deixar o problema a ser pesquisado mais familiar, bem como clarificar ou fundamentar hipóteses. A centralidade do tipo de pesquisa em questão é o aperfeiçoamento de ideias ou as descobertas intuitivas.

No que diz respeito ao delineamento, a pesquisa foi bibliográfica, que segundo Gil (2002) esse modelo tem como característica a utilização de material ordenado, principalmente de livros e também de artigos científicos, o que permite ao pesquisador um acesso maior de fenômenos mais amplos, sendo adotada assim essa prática para o desenvolvimento do artigo científico.

### **3. O LIVRO DE JÓ**

Segundo Champlin (2002), os intérpretes modernos entendem que existiu um homem que viveu nessa época datada entre sec. V ou IV A.C. O livro propriamente não dá sustentação para o seu autor, por isso há muitas conjecturas sobre, portanto, seu autor é desconhecido.

Em concordância, Calonga (2004) menciona que o livro foi escrito durante o século V a.C., na palestina, no período do pós-exílio, quando os Persas haviam dominado Israel.

Conforme Ruthes e Stigar (2016), entre os livros que fazem parte da literatura sapiencial, esse, com certeza, é um dos mais discutido no meio dos exegetas, devido às suas diversas controvérsias, falta harmonia em muitos aspectos, entretanto, há consenso que esse livro é pós-exílico e seu personagem fundamental foi um edomita que era temente a Deus.

De acordo com Silva (2012), o autor do livro o elabora em formato de um diálogo poético que permite discorrer sobre alguns temas, a saber: os inocentes em seus sofrimentos, a questão dos pobres, além de assuntos psicológicos e teológicos. Sobre essa demanda o livro trata especificamente sobre o caso de Jó e seu problema, que se estende ao tema do sofrimento do inocente e como Deus age diante disso.



Sobre o tema do livro, Dillard (2006) menciona que o livro tem como principal núcleo o sofrimento, compreendendo que tanto os homens como as mulheres já experimentaram o amargor. A mensagem do livro tem um convite universal que ultrapassa o tempo e a cultura. O livro mostra-se sobremaneira comovente e ao mesmo tempo de uma complicação extraordinária, sendo considerado como um dos livros mais difíceis do Antigo Testamento de traduzir, assim, igualmente de interpretar.

De acordo com Wiesrbe (2006), o escrito não é uma ficção religiosa, a personagem principal é real e não imaginário, Ezequiel 14: 14,20 e Tiago 5:11 deixa evidenciado tal comprovação. A história bíblica narra que Jó era próspero e temente a Deus e, de repente perde tudo, a saber: os saduceus levam seus bois e jumentos, matando seus servos, os Caldeus levam seus camelos, aniquilam seus servos, um furacão que mata todos os seus filhos e por último é acometido de uma grave doença.

De acordo do Lasor (1999), o livro de Jó é composto de maneira geral, em prosa seguida de poesia e termina em prosa novamente. Sendo que o prólogo contém seis cenas com o início da aparição de Jó e seu término com a dos três amigos que o consolam. Há o diálogo confeccionado em três momentos, inicialmente com a queixa de Jó no capítulo três e no capítulo vinte e oito a Canção de sabedoria. Posteriormente existe uma sequência de discursos desenvolvidos por Jó, Eliú e Javé. Sendo que o derradeiro discurso de Jó se divide em três momentos, que se encontram dentro dos capítulos vinte e nove ao trinta e um do livro. Esse molde traz o equilíbrio do padrão do tríptico diálogo no livro. Dentre os amigos, um pronunciou um discurso a mais que os outros que o coloca em posição superior aos demais, Elíu. A seguir, Javé faz dois discursos prolixos, acompanhados de uma curta resposta de Jó. A totalidade de quatro discursos contrabalança os quatro de Elíu. O epílogo traz consigo dois momentos distintos para acompanhar o prólogo que também são pares.

### **3.1 Análise do texto**

Segundo Waldhelm (2015), na crítica textual do texto de Jó 1,1-2,13, depois de analisá-los, a informação mais relevante na questão de variante encontrada é a do eufemismo abençoar em vez de amaldiçoar. Justamente o versículo nove do capítulo dois de Jó.

Na Bible Hub (2004-2020), a palavra amaldiçoar no original é barak (baw-rak ') e a sua definição pode ser: a se ajoelhar, por decorrência para abençoar a Deus, como expressão de um ato de adoração e ainda por eufemismo amaldiçoar tanto a Deus ou ao Rei, como forma de traição.

De acordo com Neve e Rossi (2011), geralmente a mulher de Jó é interpretada pela forma que é tratada pelo personagem fundamental do livro, que traz como adjetivo a palavra insensata. Pode-se pensar que, por causa da forma de tratamento, Jó tem o intuito de depreciar a atitude de sua mulher e ter como comum suas atitudes. Porém, se realizada de forma minuciosa e cautelosa a partir da hermenêutica é possível alcançar resultado diferente.

De acordo com Barnes (1834), no julgamento da mulher de Jó, paciência e resignação não cabiam em uma situação como aquela, e que o marido demonstrara confiança em um Deus e não deveria ser assim, pois esse os afligia. O que se conhece dessa mulher é isso, não se pode afirmar se fazia parte do caráter dela. Esse evento não é prova suficiente para assegurar que o caráter dela era maldoso, pode-se conjecturar que suas virtudes e piedade tenham sucumbido às catástrofes que se amontoaram. E assim propagou emoções humanas quando atingida pelos eventos, um filho de Deus é tentado a extravasar a sua rebeldia e dessa forma suas lamentações e conseqüentemente abdicar de sua fé.

Waldhelm (2015) menciona que Jó responde à pergunta de sua mulher “Então sua mulher lhe disse: Ainda conservas a tua integridade? Amaldiçoas teu Deus e morres”. A fala da mulher se torna uma reprovação, não acredita na inteireza do marido e por conta da sua dor tenta levá-lo ao abismo que se encontrava, Jó responde “Mas ele lhe respondeu: Falas como qualquer doida” (BÍBLIA, Jó 2:10). A resposta não é simples como fruto de uma irritação, mas uma declaração de fé a alguém que não acreditava mais, porém, Jó reconhece que foi o sofrimento que a levou a essa loucura e por esse motivo faz a tentativa de trazê-la de volta ao bom senso.

### **3.2 Contexto da mulher no pós-exílio**

A data do século sexto ou quinto a.C., de acordo com Duarte (2009), faz referência entre o escrito de Jó com Isaías, notoriamente com a passagem de Isaías (52,13-53,12), que menciona o servo em seu sofrimento. Em Jó (12,17-25) faz menção ao exílio Babilônico de Judá.

Em consonância com essa informação acima Sellin, Fohrer (2007) contribui ao afirmar que a alusão de monarcas, conselheiros e também de funcionários descritos em Jó (3,14,15) que evidencia uma forma de governo dos Persas (cf. Esdras 7,28; 8,25), de modo que em 19,23 conjectura a gravação no rochedo [de Behistum] como inscrição de Dario I. O escrito sugere período mencionado.

Nesse período da história, tem-se uma teologia em vigor, a teologia da retribuição, na qual a mulher de Jó se opõe.

Os autores Rossi e Hammes (2012), em concordância, mencionam que os amigos de Jó representavam justamente essa teologia tradicional da retribuição. Jó posiciona-se em defesa do seu sofrimento, não em decorrência da indisciplina em relação a Deus e sua vontade, porém, em consequente ao domínio impiedoso e excludente que permeava o contexto sócio, político, econômico e religioso da época.

De acordo com Waldhelm (2015), a vida das mulheres no pós-exílio por causa da enorme ruína e a extradição de famílias teve grandes mudanças. A diferença social entre as israelitas remanescentes e as da *golah*, era enorme. Existia muita miséria e desabrigados. As mulheres camponesas pobres necessitam dar como garantia seus filhos, campos, vinhas e até mesmo suas habitações para se alimentarem ou saldar os impostos. E são justamente as mulheres que se colocam em pé e reclamam com razão, a religião se mostrava escravizadora.

Ao observar essas questões da época, a mulher de Jó é adicionada no texto não pelo acaso.

Rossi (2005) contribui com essa colocação quando menciona que a mulher de Jó entra em cena com certa intenção do autor, a aparição é para comprovar que uma parte do povo estava a padecer opressão e dominação tanto pelos Persas quanto pelos religiosos de Israel. A mulher de Jó estava sendo descuidada ao longo da história. Perde dez filhos, seus bens saqueados e um esposo com uma doença degradante.

De acordo com Waldhelm (2015), os doutores e mestres da religião que seguiam essa teologia da retribuição, solicitavam aos que estavam passando por algum sofrimento que tivessem paciência. E que seriam compensados por serem fiéis e pacientes diante dos sofrimentos causados pelas injustiças. As pessoas que conviviam com tudo isso e de perto, todos os dias eram as mulheres. Eram elas que dividiam diariamente os restos no momento da refeição, que ocultavam as lágrimas para ter condição de enxugar as dos seus entes queridos.

### 3.3 Luto da Mulher de Jó

O pai da Psicanálise Freud (1914-1916), em seu trabalho *Luto e Melancolia*, menciona que o luto de uma forma universal, é a perda de um ente querido e que a perda de um objeto libidinal ocasiona o luto. Como demonstrado a seguir.

“... a realidade informa que o objeto amado não existe mais, passando a exigir que toda a libido seja retirada de suas ligações com aquele objeto. Essa exigência provoca uma oposição compreensível – é fato notório que as pessoas nunca abandonam de bom grado uma posição libidinal, nem mesmo, na realidade, quando um substituto já lhe acena. Essa oposição pode ser tão intensa, que dá lugar a um desvio da realidade e a um apego ao objeto por intermédio de uma psicose alucinatória carregada de desejo (recriando e salvando o objeto perdido incansavelmente). Normalmente prevalece o respeito pela realidade, ainda que suas ordens não possam ser obedecidas de imediato. São executadas pouco a pouco, com grande dispêndio de tempo e de energia catexial, prolongando-se psiquicamente, nesse meio tempo, a existência do objeto perdido. Cada uma das lembranças e expectativas isoladas, através das quais a libido está vinculada ao objeto, é evocada e hipercatexizada, (defronta-se com a realidade de que o objeto amado não mais existe) e o desligamento da libido se realiza em cada uma delas (p.276-277). E em outra passagem: O ego identificado com o morto, confrontado com a questão de saber se partilhará desse destino, é persuadido, pela soma das satisfações narcisistas que deriva de estar vivo, a romper sua ligação com o objeto agora ausente (ambivalência). Talvez possamos supor que esse trabalho de rompimento seja tão lento e gradual, que, na ocasião em que tiver sido concluído o dispêndio de energia necessária a ele também se tenha dissipado (p. 288). Por essa transigência, pela qual o domínio da realidade se faz fragmentariamente, deve ser tão extraordinariamente penoso, que de forma alguma é coisa fácil de explicar em termos de economia. É notável que esse penoso desprazer seja aceito por nós como algo natural. Contudo, fato é que quando o trabalho de luto se conclui, o ego fica outra vez livre e desinibido” (p.277).

Freud (1914-1916) articula que o ser humano faz investimento libidinal com seus objetos de amor e uma vez perdido esse objeto é necessário retirar o investimento libidinal nesse tal objeto, porém, não é algo fácil e imediato de se fazer, na verdade é mencionado que é um trabalho extraordinariamente penoso e demorado. Pode-se perceber a partir disso, como foi difícil para a mulher de Jó se desprender dos seus objetos de amor.

A perda dos filhos repentinamente trouxe algumas consequências à mulher de Jó.

“Também este falava ainda [...], estando teus filhos e tuas filhas comendo e bebendo, vinho da casa do primogênito, eis que se levantou grande vento do lado do deserto e deu nos quatro canto da casa, a qual caiu sobre eles, e morreram”. (BÍBLIA, Jó, 1:18,19).

Almeida et al. (2011) mencionam que experiências de condições drásticas que se assemelham à morte ou a emoções relacionados à perda, exemplificando, acidentes sejam eles

naturais ou incitados, separações e também as violências em toda sua forma, refletem nos sistemas do sujeito, como, o afetivo, cognitivo e emocional.

O que corrobora a atitude da mulher de Jó como esperada, pois os seus sistemas estavam fora do comum.

De acordo com Dahdah (2019), o processo de luto se dá por meio de uma perda, por consequência de morte, de alguma pessoa que tenha grande significado.

Pode-se perceber então que, segundo esse autor, a mulher de Jó se encontrava em processo de luto.

Bowlby (2004) ainda afirma que estudos apontam que o luto materno demonstra maior reação de dor e dura mais tempo. Além disso, a morte repentina é capaz de trazer um choque muito maior do que a morte que é esperada. O óbito precoce colabora para um luto perturbador e incerto por dinamizar a seriedade e magnitude do golpe.

Ainda as autoras Andrade, Mishima-Gomes e Barbieri (2017) afirmam que, na questão da perda de um filho, diversas implicações negativas podem ocorrer na história dos progenitores, na sua relação conjugal e até mesmo social.

O que fica evidenciado que o luto com as mães é mais intenso, doloroso, sendo um acidente inesperado agrava ainda mais o processo.

De acordo com Kubler-Ross (2017), existem cinco fases em que a pessoa enlutada geralmente passa. Sendo elas: primeira é a negação, quando o indivíduo recebe a notícia do falecimento, e a primeira reação é de negar o ocorrido; segunda a raiva, sendo um sentimento sem coerência, portanto, pode apontar para qualquer direção, a raiva pode ser depositada em pessoas, em si mesma por não ter conseguido mudar a situação, como também na vida por se mostrar injusta ou em Deus, em questionamento; terceira a barganha, o sujeito começa a implorar a Deus e a realizar promessas sobre mudanças dos seus atos. Na maioria das vezes, a culpa acompanha a barganha, pois se acredita que poderia ter feito alguma coisa para evitar o fato; a quarta é a depressão, é necessário se ter em mente que não se trata da psicopatologia depressão. Nessa situação, é uma reação aceitável por conta da perda; por último a aceitação, é o momento em que o sujeito enlutado entende e consente com a realidade da perda.

Bowlby (2002) contribui ao pensar sobre o luto ao trazer quatro fases sobre o mesmo: a primeira fase ele nomeia como o entorpecimento, é o momento em que os indivíduos enlutados recebem a notícia entram em choque e negam a realidade, a aflição é extremada podendo durar

horas ou até uma semana. Na fase seguinte, encontra-se o anseio, nesse período é visível a vontade pela busca do ente falecido na tentativa de trazer de volta, há o desejo pela aparição do finado, por meio de sonhos e bastante inquietação. Imediatamente a culpa e a ansiedade ficam evidentes depois que o enlutado entende a morte, levando ao terceiro momento que é o desespero e a desorganização. Essa hora é marcada por sentimentos de raiva e tristeza, por duas situações por se sentir abandonada por aquele que não se encontra mais com ele e por se sentir incapacitada de realizar alguma coisa diante dessa situação. Porém, é a partir dessas ocasiões de entorpecimento, estado de choque, raiva e tristeza que será possível o restabelecimento. Mesmo vivenciando a saudade e se adaptando às alterações ocasionadas pela morte, conseguirá se reorganizar voltando ao seu cotidiano, pois aquela dor aguda começa a se dissolver o que possibilita a notar-se como se a vida voltasse a sua normalidade, a lembrança do ente querido ainda traz tristeza, mas também alegria, a imagem é internalizada, encerrando assim o último ciclo que é a reorganização.

Alves (2014) menciona Parkes (1998) articulando que o luto não se apresenta simplesmente como um ajuntamento de sintomas que aparecem e desaparecem paulatinamente a partir de uma perda. Propôs uma série de estágios que se alternam e se misturam, a saber: Torpor, que dá a falsa impressão de que o sujeito não foi atingido pelo dano, quando na verdade está simplesmente procurando uma forma de se proteger do desespero extremo causado pela perda. Alarme é o segundo estágio, apresenta-se como causa de acréscimo da pressão sanguínea e frequência cardíaca devido ao aparecimento de estresse por agitações psicológicas e somáticas. Estas aparições de alarme ou estresse aparecem devido à ocorrência desconhecida ou inesperada que não permita uma saída para ambiente protegido, ou aparecimento de possível perigo. Todas as situações mencionadas expressam ocasiões de perigo à segurança do sujeito. O terceiro é a Procura, qualificado por momento de dor extremada e ansiedade, além do sofrimento psíquico na busca do falecido. Há muito choro e chamamento pelo indivíduo que morreu devido a essa dor intensa, além de pensamentos inquietantes que difundem uma angústia maior. A dor é o elemento pessoal e emocional que faz o sujeito enlutado procurar pelo falecido. O quarto é entendido com a Raiva e a Culpa, a manifestação desse estágio pode se dar em protesto, amargura e oposição em interromper a ação de busca do morto, sendo que a irritabilidade e raiva alteram entre os indivíduos, famílias e momentos. Cada um desses tem sua particularidade. Podendo ser direcionada a outras pessoas, como também a si próprio como forma de acusação e culpa. Quinto, Recuperação/Reorganização, nesse estágio, em quem sofre o luto, existe o ensaio de localizar significado para a sua perda, para acomodá-la ou alterá-la no

conjugado de crenças se for preciso. O autor ainda menciona que cada fase tem sua peculiaridade que varia de sujeito para sujeito.

#### **4. RESULTADOS**

Ao pensar na mulher no pós-exílio elas foram as mais prejudicadas. De acordo com Waldhelm (2015), os persas apesar de deixar o povo ter autonomia religiosa, criou um forte modelo de opressão e dominação por meio dos tributos recolhidos. Nesse império, a política era favorecer os poderosos, logo, os camponeses ficavam mais pobres. Havia a ideia de impuro e puro por meio da teologia da retribuição, e as mulheres eram quem mais ficavam prejudicadas uma vez que desde a menarca ela já tinha que pagar tributo por causa da lei do impuro, por ser considerada como tal.

A mulher de Jó é apresentada justamente como um grito a essa teologia da retribuição que escravizava ainda mais as mulheres, portanto, uma questão a ser observada é que o autor do livro não a coloca no contexto por acaso, na verdade é proposital com intuito de denúncia. Portanto, o contexto esclarece a sua fala, não se deve ter esse dito apenas como uma reclamação de alguém que está com dificuldade com o marido, mas, um grito contra a opressão da época.

No que diz respeito à palavra no texto original ficou bem visível que a maioria dos autores entendem que a palavra maldição, não é a mais ideal dentro do contexto é sim, a palavra abençoar, porém, em um sentido de ironia.

Na Bible hub (2004 - 2020) no comentário de Barnes o Dr. Good declara: "E ainda assim mantém a sua integridade, abençoando a Deus e morrendo, Rosenmuller e Umbreit ", dê adeus a Deus e morra". Castellio traduz: "Agradeça a Deus e morra". Ainda Roberts julga ser esse um sentimento pagão, sendo comum em dadas ocasiões maldizer o seu deus. No comentário de Benson, é mencionado que a palavra original, ocasionalmente tenha o significado de amaldiçoar, porém, geralmente denota abençoar, podendo ser uma ironia. Como se dissesse, abençoe a Deus e morra.

Ainda na Bible hub (2004-2020) em concordância com o autor acima, o comentário de Matthew Poole afirma que, somente às vezes, a palavra tenha o significado de maldição, mas de forma mais adequada signifique benção, podendo ser então, uma expressão sarcástica ou irônica.

Na exegese do texto feito por Waldhelm (2015) fica evidenciado que a palavra barak é abençoar, ajoelhar-se, em função de abençoar a Deus, evidenciando novamente a posição de ironia do texto, como se a mulher em tom irônico dissesse para ele abençoar a Deus por tudo que estava acontecendo e morresse.

Observando que a mulher de Jó tenha tido uma fala irônica como apontam os autores mencionados, faz-se necessário entender os motivos de tal ação.

De acordo com Waldhelm (2015), diante da crítica textual, do texto de Jó 2:9, mais especificamente no verbo abençoar ou amaldiçoar, sugere-se uma tradução livre opcional: “*e disse continua se esforçando em situações que não se encontra sentido, abençoar ou amaldiçoar Elohim tanto faz o jeito mesmo é morrer*”. A intenção não é liberar qualquer pessoa, seja o autor, texto, personagem ou até mesmo o leitor de uma análise que aborreça, expressando que há tensão entre o homem e Deus. Todavia, é plausível entender que sempre que as dificuldades assolam o homem, o questionamento, a falta de entendimento e a revolta podem acontecer, quando se observa o conceito de causa e efeito.

Colaborando para essa interpretação das atitudes da mulher de Jó, o autor seguinte menciona, que nem mesmo Jó a condena.

Segundo Duarte (2009), a mulher de Jó é denominada como a irmã espiritual de Eva (BÍBLIA, Gn 3:1), pela atitude de incitar Jó a se revoltar contra Deus. Mas, Jó não reprova a mulher, simplesmente faz uma comparação da sua linguagem como de uma pessoa que insana por consequência do sofrimento que lhe sobreveio. Para Jó, não tinha a maldade representada na figura da mulher, era simplesmente alguém que de a maldade alcançou.

Esse outro articulista aprofunda um pouco mais essa questão ao não isentá-la de erro, mas, faz pensar nos motivos para tal.

Segundo Wiesrbe (2006), a mulher de Jó estava errada, mas sejamos justos e consideremos a sua situação. Havia perdido dez filhos em um dia, o que seria suficiente para deixar qualquer mãe arrasada. A riqueza da família havia desaparecido, e ela não era mais a “primeira dama” da sua terra. Seu marido, outrora o homem mais importante do Oriente (BÍBLIA, Jó 1:3), estava assentado no monturo da cidade sofrendo de uma doença terrível. O que lhe restava? Em vez de ver seu marido definhar em dor e vergonha, preferia que Deus o matasse e acabasse de vez com o sofrimento. Talvez isso acontecesse caso Jó amaldiçoasse a Deus.



Saindo de um olhar macro para um olhar micro, os autores posteriores conduzirão uma discussão sobre as crises internas ocorrida com a mulher de Jó.

Gonzaga (2006) menciona que a maior e mais terrível dor, além de injusta e densa é a vivenciada por uma mãe na perda do seu filho. Esse sentimento de perda é tido como extremado pela forma que afeta os vínculos e afetos, e ainda contradiz as perspectivas do ciclo de existência familiar e também social, gerando dessa forma intensas rupturas no sistema familiar e nos integrantes.

Worden (2013), em seus estudos com enlutados, classificou oito padrões especiais de luto por morte súbita de um sujeito querido, dentre elas se encontra o terceiro padrão que é o desejo muito intenso de recriminar alguma pessoa pelo fato ocorrido, estabelece-se assim o bode expiatório. Além do quinto padrão que é a sensação de desamparo, conectado a uma imensa sensação de raiva, como forma de defesa contra o fato e da agonia da morte.

Almeida et al. (2011) acrescenta que, a perspectiva da sociedade é que os infantes tenham uma vida mais prolongada do que os pais, e na morte inesperada do filho, o que acontece é justamente o contrário, gerando assim um rompimento da prole, o que ecoa na percepção desses pais em sua capacidade de proteção da família, suscitando diversos sentimentos que podem surgir, como a culpabilidade, raiva e recriminação.

Ao observar o que acontece no universo interno de indivíduos enlutados, mas especificamente com mães, pode-se perceber que as atitudes da mulher de Jó, como mãe que era, foram as mais esperadas diante de tamanha situação. Essa mulher somente ofereceu uma resposta emocional para suas crises internas.

Como o povo de Israel cria em Deus responsável tanto pela saúde como pela doença, eles tinham somente o papel de supervisão das regras de higiene social. A mulher de Jó, que foi sua cuidadora, não tinha conhecimento específico para assessorar seu marido, o que pode ter causado mais estresse na relação cuidador-cuidadora. Essa questão da medicina da época necessita de maior aprofundamento em estudos futuros.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante o exposto, evidencia-se que o problema levantado traz consigo respostas e indagações para futuros estudos como veremos a seguir.

A mulher de Jó, diante de sua tão famosa frase “*amaldiçoa o seu Deus e morre*” deixa claro que o seu dito, tem muito mais do que se possa pensar do que é feito geralmente, em uma análise superficial. Começando pela palavra original que, na verdade, não é a mais ideal, amaldiçoar, essa palavra inicialmente dá a impressão de uma atitude de alguém maldoso que quer lançar maldição, logo a imagem da mulher de Jó fica como ruim. Porém, abençoar é a melhor colocação, mesmo que seja no sentido de ironia, a expressão seria mais ou menos assim: “Mesmo diante de tudo isso, você ainda continua nisso, então abençoa a Deus e morra” a conotação não é tão pejorativa, como no primeiro exemplo, mas de alguém sentida por tudo que lhe aconteceu, sentimento humano sendo expresso, o que seria compreensível. A maioria dos autores afirma essa condição humana para os desastres que ocorreram com essa mulher justificando sua ação.

Outra questão que também deve ser colocada em pauta que foi vista na pesquisa realizada, foi o grito contra a teologia da retribuição. A sua fala irônica, não fica simplesmente na questão da perda pessoal, mas também no que estava acontecendo na época, as mulheres estavam sendo oprimidas pelos religiosos do templo com as ofertas por causa da lei do impuro e também pela condição de pobreza que o povo se encontrava, muitos tendo até que penhorar seus bens e filhos para pagar os impostos, causando muita indignação nas mulheres e dentre elas se encontrava a mulher de Jó.

Percebeu-se ainda que diante das perdas sofridas na vida, a sua atitude está em consonância com os fatos, pelo fato de a perda de um filho já ser suficiente para o luto que traz consigo diversos sentimentos e ações, como a revolta, recriminação, angústia e desespero, e outros sentimentos. Pode-se imaginar a perda de dez filhos de uma única vez e como isso repercutiu dentro dessa mãe? Há muita tensão emocional sobrevivendo nessa mulher. Autores mencionam que o estresse é real. Tudo isso deixa clarificado que a fala da mulher de Jó foi uma verbalização esperada por uma pessoa em tais situações e que a interpretação que ela seria uma mulher insensata ou louca que desprezava o seu marido e sua fé, não faz jus a essa mulher. Sendo assim, ela ao longo da história foi injustificada por uma análise superficial e inadequada sobre sua atitude.

O luto e suas consequências ficam evidenciados na vida dessa mulher que perdeu o que tinha de mais precioso, seus filhos. A razão da raiva, decepção, revolta e angústias são claramente interpretadas a partir de um arcabouço teórico que permite entender a razão de tais sentimentos. Como foi argumentado no início desse projeto, uma das questões que acontece com grande frequência dentro do mundo eclesiástico, ou seja, dentro das igrejas evangélicas, segundo a percepção do autor do projeto, é que essa figura bíblica é tida como uma vilã que deve ser interpretada como alguém desprezível e digna de sentimentos ruins por parte do leitor. Porém, a partir dessa análise é possível dialogar sobre essa mulher de agora em diante por outro viés.

Sobre a pesquisa não foi possível fazer uma análise mais detalhada da questão das outras perdas dessa mulher, o que cabe um futuro estudo sobre esse assunto, assim como uma apreciação mais precisa sobre as psicopatologias possíveis sobre a mesma, pois, nesse estudo se delimitou ao luto, deixando essa lacuna para possíveis estudos na área.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, E. J.; SANTOS, S. G.; HAAS, E. I. Padrões especiais de luto em mães que perderam filhos por morte súbita. **Revista de Psicologia da IMED**, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 607- 616. 2012. Disponível em:<<https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/148/123>>. Acesso em: 02 Jun. 2020. 16:43:23.

ALVES, T. M. **Formação de indicadores para a psicopatologia do luto**. 2014. 108 f. Tese (doutorado em Ciência) – Faculdade de Medicina/ Programa de Psiquiatria, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em<<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-24022015-112852/publico/TaniaMariaAlvesVersaoCorrigida.pdf>>. Acesso em: 14 de jul. 2020. 12:28:11.

ANDRADE, M. L.; MISHIMA-GOMES, F. K. T.; BARBIERI, V. Recriando a vida: o luto das mães e a experiência materna. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 21-32, jan.- abr. 2017. Disponível em:< file:///C:/Users/User/Downloads/8318-Texto%20do%20artigo-43190-1-10-20170915%20(1).pdf>. Acesso em: 07 de jun. 2020. 22:21:11.

BARNES, A. **Notas sobre a Bíblia**: Livro de Jó. Disponível em:< <https://sacred-texts.com/bib/cmt/barnes/index.htm>>. Acesso em 17 de mai. de 2020.

BÍBLIA, A.T. Jó. In: **Bíblia**. Revista e Atualizada no Brasil. Trad. João Ferreira de Almeida. 2. ed. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008. p. 694-742.

BOWLBY, J. **Perda**: tristeza e depressão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2004.

BOWLBY, J. **Apego e Perda Vol. 1: Apego**: a natureza do vínculo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2002.

CALONGA, T. A. S. **Uma crítica à realidade e a Deus**: Um estudo exegético em Jó 24,1-12. 2004. 161 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião/Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2004.

CHAMPLIN, R. N. **O Antigo Testamento interpretado**: versículo por versículo: II Reis, I Crônicas, II Crônicas, Esdras, Neemias, Ester, Jó, V.3/ por Russell Norman Chaplin. 2. ed. São Paulo: Hagnos, 2001.

DAHDAH, D. F. **O processo de elaboração do luto e as respostas ocupacionais no cotidiano de mães enlutadas**. 2019. 185 f. Dissertação (Doutor em Terapia ocupacional) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde Departamento de Terapia ocupacional Programa de Pós-graduação em terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019. Disponível em:<<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/11967/Tese%20final.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 07 de jun. 2020. 21:57:21.

DILLARD, R. B. **Introdução ao Antigo Testamento**: Jó: trad. Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2006.

DUARTE, A. C. O. **INDIFERENÇA OU INJUSTIÇA DIVINA? EM BUSCA DE UMA COMPREENSÃO DO SOFRIMENTO HUMANO: UMA EXEGESE DE JÓ 24,7-12.** 2009. 195 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião/Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009.

FREUD, S. **Luto e Melancolia** Vol. XIX (1914-1916) In Edição standard brasileira das Obras psicológicas completa de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 275-291.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZAGA, D. **Thiago Gonzaga: histórias de uma vida urgente.** 15. ed. Porto Alegre: Didacta. 2006.

JÓ. **Bible Hub.** c.2004-2020. Online Bible Study Suite. Disponível em:<<https://biblehub.com/job/2-9.htm>>. Acesso em: 18 de Mai 2020.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a Morte e o Morrer.** 10. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

LASOR, W. S.; DAVID, A. H.; FREDERIC, W. B. **Introdução ao Antigo Testamento: Parte III: Os escritos.** Trad. Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1999.

NEVES, N.; ROSSI, L. A. S. A mulher de Jó, um grito de protesto: uma releitura do livro de Jó sob a perspectiva da teologia. **Revista Estudos Teológicos.** São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, v. 51, n. 1, 2011, p. 116-126.

ROSSI, L. A. S. **A falsa religião e a amizade enganadora: o livro de Jó.** São Paulo: Paulus, 2005.p16.

ROSSI, L. A. S.; HAMMES, M. L. Sofrimento e liberdade: aproximação a partir da teologia da aliança. **Estudos de Religião,** [S.I], v. 26, n. 42, 192-208. f, jan./jun. 2012. Disponível em:<<file:///C:/Users/User/Downloads/2860-9293-2-PB.pdf>>. Acesso em: 02 Jun. 2020. 13:39:41.

RUTHES, V. R. M.; STIGAR, R. A sabedoria em Jó: O livro de Jó na perspectiva da Antropologia Teológica. **Fragmentos de Cultura.** Goiânia, v.26, n.4, 579-585. f, out./dez. 2016. Disponível em:<[file:///C:/Users/User/Downloads/4474-15830-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/4474-15830-1-PB%20(1).pdf)>. Acesso em: 02 jun. 2020. 15:12:07.

SELLIN, E.; FOHRER, G. **Introdução ao Antigo Testamento: Capitulo IX: Os Livros Sapienciais.** Trad. D. Mateus Rocha. São Paulo: Academia Cristã Ltda, 2007.

SILVA, W. L. O livro de Jó e suas questões internas. **Atualidade Teológica.** Rio de Janeiro. v. 16, n. 41, p. 322-335, Mai./Ago. 2012.

WIESRBE, W. W. **Comentário Bíblico Expositivo: Antigo Testamento: volume III, Poéticos.** Trad. Susana E. Klassen. Santo André, S.P: Geográfica editora, 2006.

WALDHELM, W. C. **A MULHER DE JÓ: UM GRITO CONTRA A TEOLOGIA DA RETRIBUIÇÃO.** Uma análise exegética de Jó 1,1-2,13. 2015. 154 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Faculdade de Humanidades e Direito – FAHUD/Programa de Pós-

graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015.

WORDEN, W. J. **Terapia do Luto**: um manual para o profissional de saúde mental. 4. ed. Porto Alegre: Artmed. 2013.

Autorizo cópia total ou parcial desta obra, apenas para fins de estudo e pesquisa, sendo expressamente vedado qualquer tipo de reprodução para fins comerciais sem prévia autorização específica do autor. Autorizo também a divulgação do arquivo no formato PDF no banco de monografias da Biblioteca institucional.

Reginaldo Machado da Silva

Pindamonhangaba, Novembro, 2020.

## Diretrizes para Autores

Os trabalhos devem ser redigidos em português, com uso obrigatório da norma culta. Os nomes dos autores, bem como a afiliação institucional de cada um, devem ser inseridos nos campos adequados a serem preenchidos durante a submissão e devem aparecer no arquivo. A Revista Eletrônica de Ciências Humanas sugere que o número máximo de autores por artigo seja 6 (seis). Artigos com número superior a 6 (seis) serão considerados exceções e avaliados pelo Conselho Editorial que poderá solicitar a adequação. **Pesquisas feitas com seres humanos e animais devem, obrigatoriamente, citar a aprovação da pesquisa pelo respectivo Comitê de Ética, citando o protocolo de aprovação.** O não atendimento de tal proposta pode implicar em recusa de sua publicação. Da mesma forma, o plágio implicará na recusa do trabalho.

Os autores dos artigos aceitos poderão solicitar a tradução do artigo para língua inglesa aos tradutores indicados pela revista e reenviar. Os custos com a tradução serão de responsabilidade dos autores.

O periódico disponibilizará aos leitores o conteúdo digital em ambos os idiomas, português e inglês.

O uso da norma culta da Língua Portuguesa e a obediência às normas da Revista são de total responsabilidade dos autores. A não obediência a esses critérios implicará na recusa imediata do trabalho.

## APRESENTAÇÃO DO MATERIAL

Sugere-se um número máximo de 20 páginas, incluindo referências, figuras, tabelas e quadros. Os textos devem ser digitados em **Fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento 1,5, justificado, exceto Resumo e Abstract.** Devem ser colocadas margens de 2 cm em cada lado.

As Figuras: gráficos, imagens, desenhos e esquemas deverão estar inseridas no texto, apresentar boa qualidade, estar em formato JPEG, com resolução de 300dpi com 15cm x 10cm. O número de figuras deve ser apenas o necessário à compreensão do trabalho. Não serão aceitas imagens digitais artificialmente 'aumentadas' em programas computacionais de edição de imagens. As figuras devem ser numeradas em algarismos arábicos segundo a ordem em que aparecem e suas legendas devem estar logo abaixo.

Tabelas e Quadros: deverão ser numerados consecutivamente com algarismos arábicos e encabeçados pelo título. As tabelas e os quadros devem estar inseridos no texto. Não serão admitidas as tabelas e quadros inseridos como Figuras.

Títulos de tabelas e quadro e legendas de figuras deverão ser escritos em tamanho 11 e com espaço simples entre linhas.

Citação no texto: deve-se seguir as Normas da ABNT (NBR 10520, 2003). As citações deverão aparecer no texto, seguidas pelo ano de publicação. As chamadas pelo sobrenome do autor, pela instituição responsável ou título podem ser: a) incluídas na sentença: sobrenome (ano). Ex.: Gomes, Faria e Esper (2006) ou b) entre parênteses: (SOBRENOME, ano). Ex.: (GOMES; FARIA; ESPER, 2006). Quando se tratar de citação direta (transcrição literal), indicar, após o



ano, a página de onde o texto foi extraído. O trecho transcrito deverá estar entre aspas quando ocupar até três linhas. As citações diretas com mais de três linhas devem ser destacadas com recuo de 4 cm da margem esquerda, ser escritas com letra menor que a do texto utilizado, com espaçamento entre linhas menor do que o utilizado no texto e sem aspas. Citações indiretas de vários documentos simultaneamente devem constar em ordem alfabética (como nas referências). Citação de citação: autor citado (ano apud AUTOR, ano). Deve-se fazer a referência do autor lido. Ex.: Pádua (1996 apud FERNANDES, 2012, p. 5) salienta que “[...] pesquisa é toda atividade voltada para a solução de problemas [...]”.

Teses, dissertações e monografias, solicitamos que sejam utilizados apenas documentos dos **últimos três anos** e quando não houver o respectivo artigo científico publicado em periódico. Esse tipo de referência deve, obrigatoriamente, **apresentar o link** que remeta ao cadastro nacional de teses da CAPES e aos bancos locais das universidades que publicam esses documentos no formato pdf.

Grafia de termos científicos, comerciais, unidades de medida e palavras estrangeiras: os termos científicos devem ser grafados por extenso, em vez de seus correspondentes simbólicos abreviados. Para unidades de medida, deve-se utilizar o Sistema Internacional de Unidades. Palavras em outras línguas devem ser evitadas nos textos em português, utilizar preferentemente a sua tradução. Na impossibilidade, os termos estrangeiros devem ser grafados em itálico. Toda abreviatura ou sigla deve ser escrita por extenso na primeira vez em que aparecer no texto.

## **ESTRUTURA DO ARTIGO**

**PESQUISAS ORIGINAIS** devem ter no máximo 20 páginas com até 40 citações; organizar da seguinte forma:

**Título em português:** caixa alta, centrado, negrito, conciso, com um máximo de 25 palavras;

**Título em inglês** (obrigatório): caixa alta, centrado. Versão do título em português;

**Autor(es):** O(s) nome(s) completo(s) do(s) autor(es) e seus títulos e afiliações à Sociedade ou Instituições. Indicar com asterisco o autor de correspondência. Ao final das afiliações fornecer o e-mail do autor de correspondência.

**Resumo:** parágrafo único sem deslocamento, fonte tamanho 11, espaço 1, justificado, contendo entre 150 e 250 palavras. Deve conter a apresentação concisa de cada parte do trabalho, abordando objetivo(s), método, resultados e conclusões. Deve ser escrito sequencialmente, sem subdivisões. Não deve conter símbolos e contrações que não sejam de uso corrente nem fórmulas, equações, diagramas;

**Palavras-chave:** de 3 a 5 palavras-chave, iniciadas por letra maiúscula, separadas e finalizadas por ponto.

**Abstract** (obrigatório): fonte tamanho 11, espaço 1, justificado, deve ser a tradução literal do resumo;

**Keywords:** a apresentação deverá ser a mesma das Palavras-chave em Português.

**Introdução:** deve apresentar o assunto a ser tratado, fornecer ao leitor os antecedentes que justificam o trabalho, incluir informações sobre a natureza e importância do problema, sua relação com outros estudos sobre o mesmo assunto, suas limitações. Essa seção deve representar a essência do pensamento do pesquisador em relação ao assunto estudado e apresentar o que existe de mais significativo na literatura científica. Os objetivos da pesquisa devem figurar como o último parágrafo desse item.

**Método:** destina-se a expor os meios dos quais o autor se valeu para a execução do trabalho. Pode ser redigido em corpo único ou dividido em subseções. Especificar tipo e origem de produtos e equipamentos utilizados. Citar as fontes que serviram como referência para o método escolhido.

**Pesquisas feitas com seres humanos e animais devem, obrigatoriamente, citar a aprovação da pesquisa pelo respectivo Comitê de Ética, citando o protocolo de aprovação.**

**Resultados:** Nesta seção o autor irá expor o obtido em suas observações. Os resultados poderão estar expressos em quadros, tabelas, figuras (gráficos e imagens). Os dados expressos não devem ser repetidos em mais de um tipo de ilustração.

**Discussão:** O autor, ao tempo que justifica os meios que usou para a obtenção dos resultados, deve contrastar esses com os constantes da literatura pertinente; estabelecer relações entre causas e efeitos; apontar as generalizações e os princípios básicos, que tenham comprovações nas observações experimentais; esclarecer as exceções, modificações e contradições das hipóteses, teorias e princípios diretamente relacionados com o trabalho realizado; indicar as aplicações teóricas ou práticas dos resultados obtidos, bem como, suas limitações; elaborar, quando possível, uma teoria para explicar certas observações ou resultados obtidos; sugerir, quando for o caso, novas pesquisas, tendo em vista a experiência adquirida no desenvolvimento do trabalho e visando a sua complementação.

**Conclusões:** Devem ter por base o texto e expressar com lógica e simplicidade o que foi demonstrado com a pesquisa, não se permitindo deduções. Devem responder à proposição.

**Agradecimentos** (opcionais): O autor deve agradecer às fontes de fomentos e àqueles que contribuíram efetivamente para a realização do trabalho. Agradecimento a suporte técnico deve ser feito em parágrafo separado.

**Referências** (e não bibliografia): Espaço simples entre linhas e duplo entre uma referência e a próxima. As referências devem ser numeradas na ordem em que aparecem no texto. A lista completa de referências, no final do artigo, deve estar de acordo com as normas da ABNT (NBR 6023, 2003). Quando a obra tiver até três autores, todos devem ser citados. Mais de três autores, indicar o primeiro, seguido de et al. Alguns exemplos:

Artigo publicado em periódico:

LUDKE, M.; CRUZ, G. B. dos. Aproximando universidade e escola de educação básica pela pesquisa. **Caderno de pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 125, p. 81-109, maio/ago. 2005.

Artigo publicado em periódico em formato eletrônico:

SILVA JUNIOR, N. A. da. Satisfação no trabalho: um estudo entre os funcionários dos hotéis de João Pessoa. **Psico-USF**, Itatiba, v. 6, n. 1, p. 47-57, jun. 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-82712001000100007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712001000100007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 13 jul. 2015.

Livro (como um todo)

MENDONÇA, L. G. et al. **Matemática financeira**. 10. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

Capítulo de livro

MARTÍN, E.; SOLÉ, I. A aprendizagem significativa e a teoria da assimilação. In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. (Org.). **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação escolar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. cap. 3, p. 60-80.

## ARTIGOS DE REVISÃO

Poderão ser aceitos para submissão, desde que abordem temas de interesse, atualizados. Devem ser elaborados por pesquisadores com experiência no campo em questão ou por especialistas de reconhecido saber. Devem ter até 20 páginas, incluindo resumos, tabelas, quadros, figuras e referências. As tabelas, quadros e figuras limitadas a 06 no conjunto, devem incluir apenas os dados imprescindíveis. As figuras não devem repetir dados já descritos em tabelas. As referências bibliográficas devem ser limitadas a 60. Deve-se evitar a inclusão de número excessivo de referências numa mesma citação.

Devem conter: título em português e inglês, autores e afiliações, resumo e abstract (de 150 a 250 palavras), palavras-chave/keywords, introdução, método (como nos artigos de pesquisas originais) considerações finais (neste item serão retomadas as diferentes colocações dos autores estudados de maneira a conduzir a um fechamento, porém, não havendo conclusões definitivas), agradecimentos (caso necessário), referências.

Ou, em caso de artigos de revisão de literatura contendo metanálise, depois do item método deverá ser apresentado o item resultados (contendo a metanálise) e as conclusões.

Condições para submissão

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

1. A contribuição é original e inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista; caso contrário, deve-se justificar em "Comentários ao editor".
2. O arquivo da submissão está em formato Microsoft Word, OpenOffice ou RTF.
3. URLs para as referências foram informadas quando possível.
4. O texto está em espaço 1,5; usa uma fonte de 12-pontos; emprega itálico em vez de sublinhado (exceto em endereços URL); as figuras e tabelas estão inseridas no texto, não no final do documento na forma de anexos.
5. O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos descritos em [Diretrizes para Autores](#), na página Sobre a Revista.

6. Em caso de submissão a uma seção com avaliação pelos pares (ex.: artigos), as instruções disponíveis em [Assegurando a avaliação pelos pares cega](#) foram seguidas.

Declaração de Direito Autoral

### **Declaração de direito autoral**

Os autores devem revisar o trabalho antes de enviá-lo, autorizando sua publicação na Revista Eletrônica de Ciências Humanas.

Devem declarar que:

Nem o trabalho, nem outro substancialmente semelhante em conteúdo, já tenha sido publicado ou está sendo considerado para publicação em outro periódico, no formato impresso ou eletrônico, sob sua autoria e conhecimento; o referido trabalho está sendo submetido à avaliação com a atual filiação dos autores; os autores ainda concordam que os direitos autorais referentes ao trabalho se tornem propriedade exclusiva da Revista Eletrônica de Ciências Humanas desde a data de sua submissão. No caso de a publicação não ser aceita, a transferência de direitos autorais será automaticamente revogada.

Todas as afiliações corporativas ou institucionais e todas as fontes de apoio financeiro ao trabalho estão devidamente reconhecidas.

Por conseguinte, os originais submetidos à publicação, deverão estar acompanhados de Declaração de Direitos Autorais, conforme modelo:

### **DECLARAÇÃO DE DIREITOS AUTORAIS**

Nós, abaixo assinados, transferimos todos os direitos autorais do artigo intitulado (título) à Revista Eletrônica de Ciências Humanas.

Declaramos ainda que o trabalho é original e que não está sendo considerado para publicação em outra revista, quer seja no formato impresso ou no eletrônico. Certificamos que participamos suficientemente da autoria do manuscrito para tornar pública nossa responsabilidade pelo conteúdo.

Assumimos total responsabilidade pelas citações e referências bibliográficas utilizadas no texto, bem como pelos aspectos éticos que envolvem os sujeitos do estudo.

Data:

Assinaturas

Política de Privacidade

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.